

Seca norte-americana Preços agrícolas e implicações para o Brasil¹

Elisio Contini²
Marcos Pena Júnior³
Pedro Abel Vieira⁴

Resumo – A severa estiagem ocorrida nos Estados Unidos da América durante a safra de grãos de 2012 impactou fortemente o mercado agrícola internacional. O efeito mais marcante foi o aumento nos preços internacionais de milho, soja e trigo e, apesar da redução imediata nos preços das carnes, há a perspectiva de aumento desses preços nos próximos seis meses. O aumento dos preços no mercado internacional é resultado da redução na oferta, em consequência principalmente da seca nos EUA, do aumento da demanda, dos estoques baixos e, em algum grau, da financeirização dos mercados agrícolas. Esse cenário, apesar de ser um problema para diversos países, é a oportunidade de o Brasil ganhar espaço no mercado mundial dessas commodities, tornando-se importante produtor e exportador de soja, milho e carnes. Para consolidar uma posição de liderança no mercado mundial, o Brasil precisa avançar na sua política agrícola, na redução do “Custo Brasil” e nas relações internacionais para garantir a sua competitividade, em um ambiente de crescente financeirização dos mercados agrícolas. Embora tenha havido avanços na redução do Custo Brasil e no comércio internacional, esforços adicionais são necessários para aumentar a competitividade no longo prazo, como melhoria da infraestrutura e logística.

Palavras-chave: comércio internacional, commodities agrícolas, custo Brasil, financeirização.

Drought in the USA: agricultural prices and implications for Brazil

Abstract – The severe drought that occurred in the United States during the grain harvest in 2012 has seriously affected the international agricultural market. Its most significant effect was an increase in international prices for maize, soybeans and wheat. Meat prices decreased but are expected to increase in the next six months. Price increase in the international market is a consequence of the fall in supply as a result mainly of the drought in the U.S., the increase in demand, low stocks, and, to some extent, financialization of agricultural markets. Although such scenario is a problem for many countries, for Brazil, it is the opportunity to increase its share in the global market for those commodities and to become an important producer and exporter of soybean, maize and meat. To achieve leadership in the world market, Brazil needs to move forward regarding its agricultural policy, reduce the “Brazil Cost”, and improve its international relations to ensure its competitiveness in an environment of increasing

¹ Original recebido em 26/11/2012 e aprovado em 17/12/2012.

² Doutor em Planejamento Regional, pesquisador da Embrapa Estudos Estratégicos e Capacitação. E-mail: elisio.contini@embrapa.br

³ Economista, Mestre em Engenharia de Produção, analista da Embrapa Estudos Estratégicos e Capacitação. E-mail: marcos.pena@embrapa.br

⁴ Engenheiro-agrônomo, Doutor em Fitotecnia, pesquisador da Embrapa Estudos Estratégicos e Capacitação. E-mail: pedro.vieira@embrapa.br

financialization of agricultural markets. Despite the fact that Brazil has made progress in reducing the Brazil Cost and in improving its international trade, further efforts are necessary to increase its competitiveness in the long term, such as improving infrastructure and logistics.

Keywords: international trade, agricultural commodities, Brazil cost, financialization.

Introdução

Em 1798 Thomas Malthus (MALTHUS, 1978) previu que os ganhos no padrão de vida da população seriam desestabilizados à medida que o crescimento da população mundial superasse a produção de alimentos. Por mais de 200 anos a curva de crescimento da produção agrícola se manteve à frente do crescimento da população, contradizendo Malthus, que não considerou a inovação tecnológica como importante vetor para o aumento da produção de alimentos.

A ameaça de Malthus não foi totalmente exorcizada. Depois de décadas de fartura, o mundo observa intensa elevação nos preços dos alimentos. Na perspectiva desta pesquisa, são três os principais fatores que contribuem para essa realidade: i) o aumento na demanda e mudanças no padrão de consumo mundial (BUAINAIN; VIEIRA JÚNIOR; CURY, 2011); ii) os eventos climáticos extremos, a exemplo das recentes estiagens nos Estados Unidos e na Rússia (MARENGO et al., 2010); e iii) a especulação dos mercados financeiros permeando o setor agrícola (BUAINAIN; VIEIRA JÚNIOR; CURY, 2011).

Este trabalho focará a recente estiagem nos EUA (USDA, 2012) e suas implicações para a agricultura brasileira. Depois desta introdução, analisar-se-ão os efeitos sobre a produção, os estoques e os preços de milho, soja, trigo e carnes, da recente estiagem nos Estados Unidos e na Rússia. Em seguida, serão discutidos os efeitos dos mercados financeiros sobre os preços agrícolas. Depois disso, o trabalho terá como objeto as repercussões desses eventos sobre os preços agrícolas e sobre a economia brasileira. Essas análises remetem a uma reflexão sobre os instrumentos e as políticas que afetam o setor agrícola, assunto discutido em seguida.

A seca nos EUA em 2012 e os mercados mundiais de milho, soja, trigo e carnes

A estiagem nos Estados Unidos (EUA) e na Rússia em 2012⁵, importantes exportadores de alimentos, e, conseqüentemente, os baixos estoques mundiais de milho, soja e trigo provocaram aumento de 17% dos preços dos cereais durante 2012 (até setembro) (Figura 1). Fator muito importante ainda são as perspectivas de crescimento na demanda futura por esses alimentos.

No caso do milho, por causa da redução, em relação à safra 2010–2011, de 41,5 milhões de toneladas na safra norte-americana, de 11,5 milhões de toneladas na Europa e de 2 milhões de toneladas na Rússia, a produção mundial da safra 2012–2013 deverá ficar em 840 milhões de toneladas, uma redução de 40,8 milhões de toneladas em relação à safra 2011–2012. Essa previsão só não é pior por considerar o aumento de 7,2 milhões de toneladas colhidas na China e a estimativa de aumento de 10 milhões de toneladas na safra que se inicia no hemisfério sul. As estimativas para o consumo em 2013 são de 853,8 milhões de toneladas, uma redução de 9,2 milhões de toneladas (-1,1%) em relação a 2012 (FIESP, 2012).

Esses valores indicam que o estoque mundial de milho ao final de 2013 será de 117 milhões de toneladas, o nível mais baixo dos últimos 50 anos. Esse estoque, que representa 11% do consumo, contribuiu para que o preço do milho (Figura 2) atingisse o terceiro nível mais alto (213,00 US\$ t⁻¹) dos últimos 50 anos em agosto de 2012. Apesar da possibilidade de aumento da produção no hemisfério sul, seus preços não

⁵ Considera-se a Rússia por conta do mercado de trigo.

serão inferiores a 170,00 US\$ t⁻¹ durante 2013 (USDA, 2012).

Considerando-se as previsões da produção e do consumo de milho, a estratégia para o mercado do milho em 2013 será manter o consumo baixo, o que dependerá do mercado de carnes e da produção de etanol nos EUA. Um aumento de 55% nos preços do milho reduziria em 40 milhões de toneladas a demanda para a produção de etanol. O mercado de carnes ainda permanece uma incógnita, dependendo fundamentalmente da demanda chinesa (RABOBANK, 2012).

O aumento de preço da soja, de 53% de janeiro a agosto de 2012 na Bolsa de Chicago (Figura 2), – até maior que as máximas verificadas para o milho (43% até agosto) e o trigo (32% até julho) – sinaliza manutenção no crescimento da demanda e possibilidade de maior escassez em futuro próximo (CME GROUP, 2012). Essas sinalizações estão baseadas nas reduções de 4% da safra norte-americana (total da produção de 80,9 milhões de toneladas) em relação à safra 2011–2012 e 1,9 milhão de toneladas na China.

Apesar dos aumentos nos preços, a importação de soja pela China continua crescendo. A China importou 4,4 milhões de toneladas de soja em agosto, o nível mais baixo em seis meses, com redução de 25% em relação ao mês anterior, quando as compras externas da China atingiram a máxima em 25 meses. Apesar de os preços da soja terem aumentado em mais de 45% em 2012, as indústrias chinesas já encomendaram, até o fim do ano, mais de 11 milhões de toneladas, indicando premente necessidade de repor estoques. Esse cenário indica que as importações chinesas no final de 2012 dependerão dos preços, mas em 2013 serão retomadas em ritmo muito próximo ao dos anos anteriores, fazendo que o consumo mundial estimado em 2013 chegue a 258 milhões de toneladas, um crescimento de 9% em relação a 2012 (NIU; FAYEN, 2012).

As previsões para a demanda mundial de soja em 2012–2013, associadas à redução na produção, são fortes indicativos da não recom-

posição dos estoques mundiais em futuro próximo (Figura 1), mantendo os seus preços acima de 410,00 US\$ t⁻¹ por mais 6 ou até 10 meses, pois existe pouco espaço para manobras até o início da colheita no hemisfério sul.

A safra de soja, que se inicia no hemisfério sul, tem previsão de crescimento de 33 milhões de toneladas, um aumento de 13% em relação à anterior. O destaque é para o Brasil, com crescimento previsto de 15 milhões de toneladas (aumento de 21% em relação à safra 2011–2012),

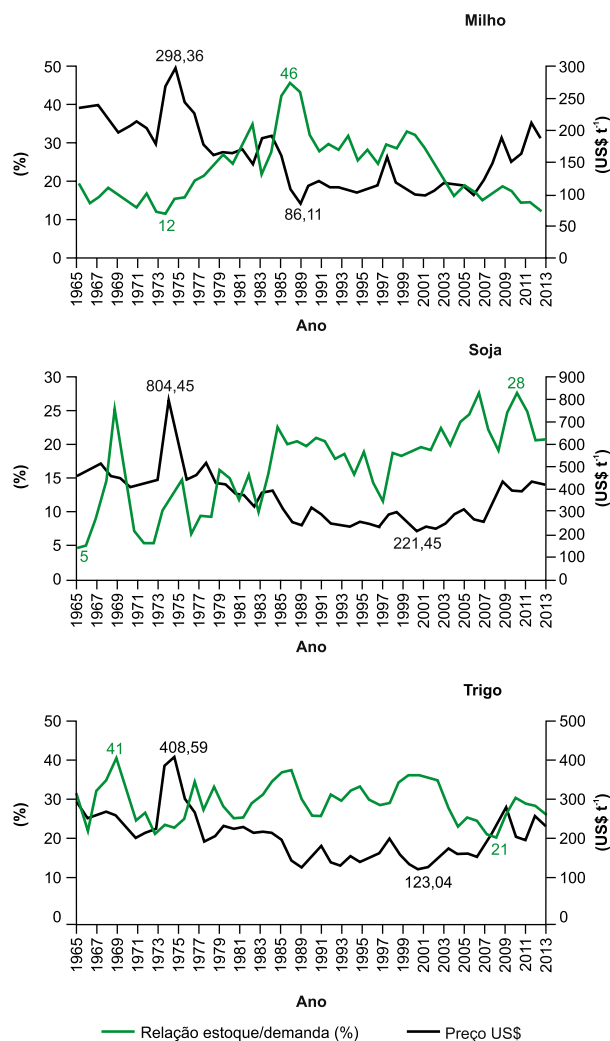


Figura 1. Preços (em US\$ t⁻¹, deflacionados para 2005) e relações entre o estoque inicial e o consumo (%) de milho, soja e trigo de 1965 a 2013⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Valores estimados para 2012 e 2013 por USDA (2012).

Fonte: International Grains Council (2012) e World Bank (2012).

enquanto a Argentina, o terceiro maior produtor mundial, apenas recuperará a produção de 55 milhões de toneladas obtida na safra 2009–2010. O Brasil poderá produzir 81 milhões de toneladas, tornando-se o maior produtor mundial de soja na próxima safra. Além da produção, o Brasil assumirá a liderança nas exportações ao embarcar 38 milhões de toneladas, 10 milhões de toneladas a mais que os EUA (USDA, 2012).

No caso do trigo, os preços futuros na Bolsa de Chicago aumentaram 47% desde junho de 2012, chegando à máxima de 258,00 US\$ t⁻¹ em meados de julho de 2012 (Figura 2). Esse preço foi maior que todos os preços de 2011, mas ainda não superou a máxima de 2008, quando ultrapassou 260,00 US\$ t⁻¹. As operações na Bolsa de Chicago indicam que os preços do trigo deverão manter-se acima de 220,00 US\$ t⁻¹ em 2013, podendo chegar a US\$ 250,00 dependendo das colheitas no Sul da Rússia e no Cazaquistão. Ainda, caso a seca nos EUA afete a semeadura da próxima safra de trigo nos EUA, a produção pode ser comprometida por causa do atraso no plantio, o que contribuirá para a manutenção dos preços acima de 250,00 US\$ t⁻¹. Apesar do cenário de escassez de trigo, não são esperados preços acima de 260,00 US\$ t⁻¹ uma vez que os atuais *spreads* entre trigo e milho ainda não estão em níveis que estimulem a inclusão do trigo em rações animais (RABOBANK, 2012).

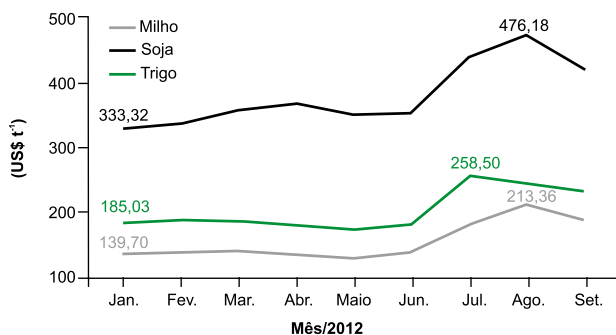


Figura 2. Preços, em US\$ t⁻¹, praticados na Bolsa de Chicago para milho, soja e trigo de janeiro a setembro de 2012.

Fonte: CME Group (2012).

A produção mundial de carnes em 2012 também será afetada pela elevação de preços de milho e soja. Prevê-se a redução da produção em 1,1% em relação a 2011, que não será maior em virtude do aumento na produção de carne suína, estimada em 102 mil toneladas até o final de 2012, que pressionou para baixo seus preços. Para 2013 na produção de aves, de bovinos e de suínos prevê-se redução em 4% em relação a 2010. O maior recuo é para a carne bovina, cuja produção tende a decrescer mais de 4% de 2012 a 2013. Também é significativo o decréscimo previsto na produção de carne de aves em 2013, cerca de 2% em relação a 2012, mas, mesmo assim, o volume produzido será semelhante ao de 2010. A exceção é a carne suína – sua produção decresce em 2013, mas, ainda assim, o volume será ligeiramente maior que o de 2010.

De modo geral, cerca de 70% do custo de produção de aves e suínos é referente aos farelos de soja e milho. A recente alta nos preços de soja e milho implica aumentos de, no mínimo, 10% no custo de produção dessas carnes, o qual será parcialmente transmitido aos preços finais em um prazo de aproximadamente seis meses. No curto prazo, é provável que a seca norte-americana provoque redução nos preços das carnes por causa do desalojamento de aves e suínos e do aumento no abate de bovinos nos EUA, onde mais de 58% das pastagens foram comprometidas pela estiagem, estimulando o abate de animais.

Esse cenário de preços já se verificou nos EUA, onde o aumento da oferta de animais para abate pressionou à redução nos preços em agosto de 2012 para 3.026,06 US\$ t⁻¹ de animal vivo, abaixo do máximo anual de US\$ 3.417,16 US\$ t⁻¹ (março de 2012). Passada a fase de redução, a qual deve encerrar no primeiro trimestre de 2013, os preços das carnes devem sofrer aumentos da ordem de 4% a 5%. Esse aumento de preços nas carnes, associado à redução na renda da população em consequência da crise mundial, notadamente na Europa, pode reduzir o consumo mundial de carnes em até 6%, valor bastante próximo ao da redução na produção,

da ordem de 4% (RADOBANK, 2012; USDA, 2012). Ou seja, apesar da aparente folga inicial, a oferta mundial de carnes também seguirá apertada durante 2013, fato que garante os preços em patamares elevados.

Esse é o terceiro aumento significativo nos preços dessas commodities nos últimos cinco anos e, apesar dos aumentos periódicos nos preços, a oferta não tem sido capaz de responder ao rápido crescimento da demanda. A redução na safra norte-americana, além dos problemas na Rússia e na Europa, devem estimular aumentos na produção global de milho, soja e trigo, contribuindo para reconstruir os estoques. De imediato, porém, isso dependerá do clima no hemisfério sul, que inicia uma fase de predominância do fenômeno El Niño. O fenômeno climático El Niño provoca aumento de precipitação pluvial durante a primavera em latitudes maiores que 23°S, o que favorece a instalação das culturas de soja e milho na Argentina, no Paraguai e nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Em períodos de El Niño, porém, não é rara a ocorrência de estiagem durante janeiro e fevereiro na maioria das regiões produtoras do hemisfério sul, ou seja, o cenário climático é favorável à produção de milho e soja no hemisfério sul, mas paira alguma incerteza.

Efeitos dos mercados financeiros sobre os preços de milho, soja e trigo

Uma questão a investigar é se os fundamentos do mercado, as relações entre produção e demanda, explicam a totalidade das variações nos preços. Uma hipótese forte é que o aumento da liquidez norte-americana (emissão de US\$ 40 bilhões em agosto de 2012 para recompra de títulos) e o baixo rendimento das taxas de juros no mercado internacional contribuíram para o aumento dos preços agrícolas e do volume comercializado na Bolsa de Chicago de comodi-

ties. O índice de commodities agrícolas (milho, soja, trigo, cacau, café, açúcar, suco de laranja e algodão) passou de 290 em março de 2012 para mais de 360 em julho de 2012, cedendo para 340 ao final de setembro. Dinâmica semelhante ocorreu com o volume de contratos de milho, soja e trigo negociados na Bolsa de Chicago, os quais aumentaram cerca de 30% de julho a setembro de 2012.

Os indícios de que outros fatores contribuem para a formação dos preços de milho, soja e trigo são reforçados pela análise das covariações⁶ entre os preços e as relações entre o estoque inicial e a demanda desses produtos no mesmo ano (covariação anual, em %) – esses dados são apresentados na Tabela 1. Por princípio, as covariações devem ser negativas, e quanto maior o valor absoluto, maior a interação entre os estoques e os preços. Em todos os casos analisados as covariações reduziram-se com o tempo, chegando a haver covariação positiva para o trigo no período 2004 a 2013.

As covariações entre os estoques e os preços do ano posterior (covariação anual defasada, em %), também apresentadas na Tabela 1, são mais significativas que as covariações no mesmo ano. No entanto, elas também tendem a decrescer ao longo dos anos, chegando a haver covariação positiva para a soja no último período analisado.

O decréscimo nas covariações indica que outros fatores também tendem a contribuir para a formação de preços além da relação entre o estoque e a demanda. Nos casos do trigo e do milho, as covariações positivas de 2004 a 2013 podem ser explicadas pelas políticas de subsídio e demais barreiras levantadas no comércio internacional. Já no caso da soja, produto com maior participação nas Bolsas de Futuros e, portanto, menos afetado por políticas públicas, as correlações entre os estoques e os preços são mais significativas, mas, mesmo nesse caso, os funda-

⁶ Retorna a covariância da população, a média dos produtos dos desvios para cada par de pontos de dados em dois conjuntos de dados.

Tabela 1. Covariações anuais (Co) e covariações anuais defasadas (CoLag) entre os preços (em US\$ t⁻¹, deflacionados para o ano de 2005) e as relações entre o estoque inicial e o consumo de milho, soja e trigo para os períodos 1964 a 2013, 1964 a 1984, 1984 a 2004, e 2004 a 2013⁽¹⁾.

Produto	Período			
	1964 a 2013 ⁽¹⁾	1964 a 1984	1984 a 2004	2004 a 2013 ⁽¹⁾
Covariação anual				
Milho	-256	-168	-29	-38
Soja	-358	-89	-67	-34
Trigo	-92	-49	-25	19
Covariação anual defasada				
Milho	-296	-166	-66	-51
Soja	-400	-238	-93	30
Trigo	-148	-141	-42	-24

⁽¹⁾ Valores estimados para 2012 e 2013 por USDA (2012).

Fonte: International Grains Council (2012) e World Bank (2012).

mentos do mercado não explicam a totalidade da variação dos preços.

Vieira Junior et al. (2007) comentam que, a partir da década de 1990, os mercados agrícolas passaram a sofrer maior influência dos mercados financeiros, o que tende a aumentar com a crescente liquidez financeira mundial. Essa hipótese, embora careça de maior comprovação para os preços de milho, soja e trigo, é reforçada pelos crescentes volumes de milho, soja e trigo negociados em bolsas, a exemplo da Bolsa de Chicago, importante formadora dos preços das commodities agrícolas (CHRISTOFOLETTI; SILVA; MARTINES-FILHO, 2011); e a hipótese também é reforçada pela crescente participação dos fundos de investimento nesses mercados⁷.

A financeirização⁸ da produção agrícola sugere maior volatilidade nos preços das commodities, porém, a despeito do leve incremento

na amplitude dos preços de milho, soja e trigo verificado nas três últimas décadas, não foram observadas diferenças significativas na volatilidade dos preços agrícolas de 1990 a 2010 independentemente dos fundamentos do mercado (CME GROUP, 2012). Ou seja, é possível que a financeirização amplie levemente a volatilidade dos preços, mas ela precisa de fatos reais como a seca. Ela é útil por antecipar as tendências da relação entre a oferta e a demanda, orientando aos agentes do mercado as tomadas de decisão relativas à intenção de produção, formação de estoques, importações e exportações, entre outras.

As altas nos preços de milho, soja e trigo, em 2012, expressam o cenário de escassez futura, mas, na medida em que o cenário se consolida os preços tendem a ceder (Figura 2). Assim, se, por um lado, os mercados financeiros possibilitam maior alavancagem dos mercados agrícolas – o que necessariamente não é ruim uma vez que o investimento também é alavancado –, por outro lado eles dependem dos fundamentos do mercado e contribuem para antecipar as tendências, orientando as decisões dos agentes. A despeito de uma possível exacerbação nos preços de milho, soja e trigo decorrente do processo de financeirização, a estiagem nos EUA e as perspectivas da demanda são as causas fundamentais da elevação dos preços dessas commodities – sinalizando escassez –, as quais afetarão o mercado de carnes.

Ainda não há estimativa confiável dos efeitos da seca norte-americana sobre os preços finais dos alimentos, pois o milho, a soja e o trigo são apenas um dos fatores que compõem os preços dos alimentos no varejo. Estima-se que os efeitos da estiagem serão transmitidos para o varejo durante os próximos 12 meses. Entretanto, a recente estiagem nos EUA e na Rússia não significa apenas problemas à economia mundial; ela também pode representar oportunidades, principalmente para países produtores como o Brasil, como se verá a seguir.

⁷ Os fundos de investimentos, que responderam por cerca de 10% dos contratos de soja negociados na Bolsa de Chicago durante 2010, responderam por 63% dos contratos negociados em julho de 2012 (CME GROUP, 2012).

⁸ Consultar Consultar Braga (2009) e Vieira Junior et al. (2007) a esse respeito.

Implicações da seca norte-americana para o agronegócio brasileiro

A seca nos EUA provocou aumento nos preços internacionais de milho, soja e trigo, os quais já se refletem no mercado interno (Figura 3), estimulando a expansão da área de grãos no Brasil. Prevê-se o plantio de 51 a 52 milhões de hectares de grãos na safra brasileira de 2012–2013, ocasionando crescimento até modesto, de 0,2% (80,1 mil hectares) a 2,7% (1,36 milhão de hectares), em relação à área cultivada na safra anterior (CONAB, 2012).

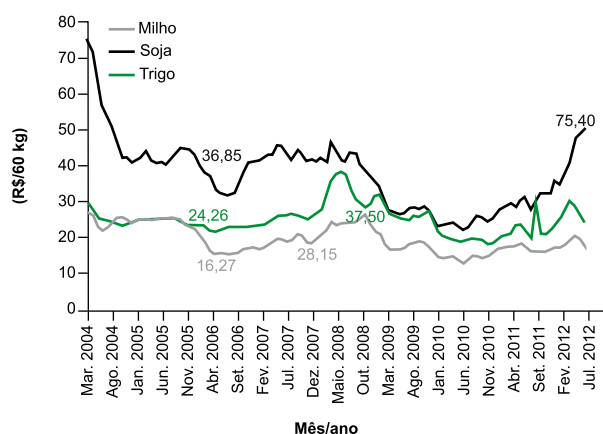


Figura 3. Média nacional dos preços (em reais de 2012, por 60 kg) de milho, soja e trigo de março de 2004 a julho de 2012.

Fonte: Agrolink (2012).

Entretanto, como “nem todas as flores são sem espinhos”, o custo de produção estimado terá aumento médio da ordem de 15%, reduzindo a margem de lucro em 3% em relação à safra anterior e em 20% em relação à safra 2008–2009, safra de maior margem nos últimos 10 anos (Figura 4). Os principais itens a pressionarem o aumento nos custos são os fertilizantes, que já aumentaram 25%, e a mão de obra (8%). Ou seja, os aumentos nos preços dessas commodities não serão apropriados integralmente pelo produtor rural, mas as perspectivas de es-

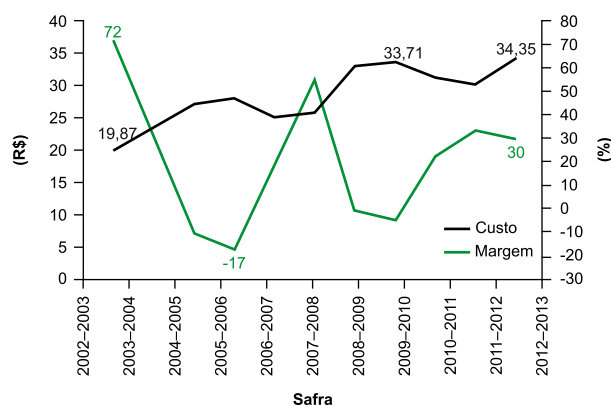


Figura 4. Custos (R\$/60 kg) e margens operacionais médias (%) para algodão, arroz, feijão, milho, soja e trigo.

Fonte: Conab (2012).

cashez mundial possibilitam ganhos extraordinários pelo aumento na escala de produção.

Segundo estimativas da Companhia Nacional de Abastecimento, a produção de milho no Brasil será de 73 milhões de toneladas. Desse total, 35,9 milhões de toneladas serão produzidas durante a primeira safra em 7,6 milhões de hectares. Apesar da redução de 500 mil hectares (6%), em relação à safra 2011–2012, na área que será ocupada pela soja, a estimativa de maior produtividade (4.923 kg ha⁻¹ ou + 9,9% em relação à safra 2011–2012) compensará com folga a redução de área. O acréscimo de produtividade ocorre em virtude da expectativa de recuperação das produtividades normais nos estados do Sul e do Nordeste, seriamente castigados por adversidades climáticas na última safra.

Na segunda safra de milho deverá haver aumento discreto (7,6 milhões de hectares), ou, no mínimo, a manutenção da área cultivada na safra de 2012 (7,5 milhões de hectares). Essa área produzirá cerca de 37,4 milhões de toneladas, redução de 1 milhão de toneladas em relação à segunda safra de 2011. É importante observar que o crescimento da segunda safra, que passou de 27% da área total cultivada com milho em 2002–2003 para mais de 47% em 2012–2013, principalmente em sucessão à soja na região Centro-Oeste, sinaliza o aumento da complexidade do sistema de produção agrícola na região

Centro-Oeste. Esse sistema, que além do milho inclui o algodão, ainda não tem contornos bem definidos, desde o aspecto fitotécnico até o econômico, requerendo mais investimentos em pesquisa. Essa preocupação fica patente nas declarações feitas por Pedro Parente, que comanda a Bunge Brasil, e Eraí Maggi Scheffer, do grupo Bom Futuro (em Cuiabá, MT), a Pontes e Onde (2012), a seguir.

Para Parente, enquanto a pior seca dos últimos 50 anos torrou as lavouras de milho dos Estados Unidos, no Brasil, apesar da incerteza quanto ao futuro do mercado para o cereal, chove milho. Mas será que o País tem mesmo cacife para tomar dos Estados Unidos os mercados não atendidos nesta safra, como os da Ásia? Seria essa uma oportunidade para fincarmos o pé de vez no mercado internacional? [...] Para Scheffer, enquanto o Brasil não contar com uma infraestrutura azeitada, teremos '15 minutos' de fama internacional, sempre calcada em quebras de safra lá fora. O setor produtivo está aí. Mato Grosso tem capacidade de cultivar, sozinho, o total da safra nacional de grãos. Podemos crescer, e muito. Mas, se aumentarmos ainda mais o cultivo de grãos, como vamos tirar a produção do campo? Além do transporte, a comercialização no Brasil é deficiente, mercado internacional tem, resta saber como vamos monitorar essa demanda. Precisamos construir um novo país agrícola, pois, somente a China, dentro de dez anos, precisará importar 140 milhões de toneladas de milho. É importante o País aproveitar essa onda favorável à demanda de milho, neste ano e no próximo, bem como segurar o tranco de preços mais baixos daqui a duas safras, quando se espera que os milharais dos Estados Unidos estejam totalmente recuperados. Aí, vai da competência nossa em disputar espaço no mercado externo. Antes, tínhamos terra e clima, mas faltava tecnologia. A tecnologia, apesar de ainda faltar, melhorou, mas, falta mesmo é inteligência para amarrar o processo de produção.

O volume estimado de exportação, 18 milhões de toneladas até janeiro de 2013, poderá superar as máximas históricas, apresentando crescimento de mais de 100% durante os últimos 10 anos. A projeção de exportação, que

poderá superar 20 milhões de toneladas até o final de 2013, dependerá da safra 2013–2014 nos EUA, a qual deverá ser, no mínimo, a projetada para 2012–2013 (375 milhões de toneladas). A competição do milho brasileiro com o estadunidense será maior em alguns mercados que são tradicionais dos EUA, como a Ásia.

O consumo brasileiro sofreu um ajuste em virtude da quebra de safra em regiões onde o autoconsumo é alto, havendo necessidade de suprir essa falta do milho por meio do produto importado de outras regiões produtoras – Mato Grosso e Goiás exportaram para o Nordeste. Poderá haver redução do plantel de aves e suínos, a depender dos preços dos insumos milho e soja, o que levará a uma redução no consumo interno que, associada ao aumento da produção, elevará os estoques brasileiros para a casa dos 13 milhões de toneladas.

Quanto à soja, a expectativa de crescimento de 8% na área cultivada durante a safra 2012–2013, passando de 25 milhões de hectares na safra 2011–2012 para 27 milhões de hectares, resultará na produção de 81 milhões de toneladas. O incremento é observado em todas as unidades da federação que produzem a oleaginosa e sobre áreas cultivadas na safra anterior com algodão, milho, feijão e pastagem. O maior aumento de área ocorrerá na região Centro-Oeste, como resultado da ampliação de 660 mil hectares em Mato Grosso, 227 mil hectares em Mato Grosso do Sul e 192 mil hectares em Goiás.

No mercado de carnes, a produção nacional das três principais (aves, bovinos e suínos) deve ultrapassar os 25 milhões de toneladas em 2012, volume 2% maior que o produzido no ano passado. Os diversos fatores atuais deverão causar efeitos de longo prazo para a indústria de carnes brasileira, pois muitas das tendências registradas em 2011 ainda estão ocorrendo – declínio na oferta de animais e demanda doméstica de carne mais forte. A tendência, que parecia melhorar no início de 2012, se desfez com os aumentos nos preços do milho e da soja e com a seca nos EUA.

As exportações brasileiras de carnes, que aumentaram nos últimos meses, superando em 60% o volume exportado no mesmo período do ano anterior, tendem a arrefecer nos próximos seis meses. A despeito dessa tendência de arrefecimento e da redução esperada no comércio mundial, no próximo ano o mercado internacional de carnes representará uma oportunidade para o Brasil ampliar suas exportações, tornando-se líder mundial. Essa oportunidade internacional não será tranquila uma vez que, ao menos nos próximos seis meses, as margens operacionais das carnes serão reduzidas, e a oferta mundial de carnes vai aumentar.

O setor brasileiro de carnes, notadamente da carne bovina, está preparado para competir tanto pelos ganhos de produtividade quanto pela abertura de novos mercados internacionais e pelo crescimento do consumo interno. Os avanços na genética, na sanidade, no manejo de pastagem e na nutrição possibilitaram ganhos de produtividade à pecuária bovina brasileira superiores em até cinco vezes aos ganhos da média mundial na última década. Como resultado, em apenas 10 anos, o País aumentou em quase 40% a oferta de carne bovina, enquanto a produção mundial avançou menos de 8%.

Apesar das perspectivas positivas no mercado interno de carnes, as incertezas na economia mundial tornam nebuloso o quadro, tanto pelo lado da margem operacional, conforme já discutido, quanto das barreiras que possivelmente serão levantadas no comércio internacional.

O Brasil enfrenta alguns obstáculos para conseguir uma fatia maior no mercado de carne bovina na Europa enquanto aguarda a avaliação do bloco para o pedido de mudanças nas regras da cota Hilton, que garante melhor remuneração para o produto exportado. Enquanto negocia a cota Hilton, surge nova ameaça no mercado europeu de proibição à importação de carne de bovinos alimentados com um aditivo promotor de crescimento recentemente aprovado no Brasil. Os exportadores brasileiros negociam com a Europa maior flexibilização das exigências que

dificultam a venda de 10 mil toneladas de carne permitidas pela cota Hilton.

Além do mercado internacional, o mercado interno de carnes apresentou vigoroso crescimento nos últimos anos. Os níveis de consumo per capita da carne bovina, suína e de frango aumentaram 2%, 6% e 7% de 2009 a 2011, respectivamente. Dos totais de 8,5 milhões, 3,5 milhões e 13,1 milhões de toneladas de carnes de bovinos, suínos e frangos, respectivamente, produzidas em 2011, 84%, 75% e 70% foram destinados ao mercado interno.

Com a disparada das cotações de milho e soja, os produtores de frango e suínos trabalham com margens negativas, conforme afirmou o presidente da Cooperativa Catarinense Coopercentral Aurora, Mário Lanznaster:

As margens estão achatadíssimas para a agroindústria e o produtor. Para enfrentar a situação, a alternativa imediata é repassar a alta dos custos de produção para o consumidor, tarefa difícil num contexto de retração das cotações de sua principal concorrente, a carne bovina [...] essa dificuldade é passageira e o futuro é promissor, principalmente do mercado interno (MENDES; KISS; VELOSO, 2012).

Quanto ao mercado de trigo, a balança comercial negativa desse produto sugere custos adicionais de importação para o Brasil, mas quando comparada às oportunidades que o milho, a soja e as carnes representam, o saldo é positivo. Durante 2011, o Brasil importou US\$ 1,8 bilhão (5,7 milhões de toneladas) de grãos de trigo, ou US\$ 3,2 bilhões quando considerado o complexo trigo. Esses totais representam uma redução de 20% no *quantum* durante a última década e equivalem a 55% do consumo anual de trigo (10,2 milhões de toneladas em 2011) e menos de 2% das importações totais do Brasil (US\$ 226,2 bilhões). É importante destacar que um dos principais exportadores de trigo para o Brasil é a Argentina, país cuja corrente comercial com o Brasil foi de US\$ 39,6 bilhões em 2011, com superávit de US\$ 5,8 bilhões para o Brasil, sendo o trigo o terceiro item na pauta de importações brasileiras da Argentina.

Outra questão na pauta recente de discussão no comércio internacional brasileiro é a desindustrialização de sua balança comercial agrícola, notadamente da soja (Tabela 2). Enquanto a produção de grãos mais do que dobrou de 2000 a 2011, as capacidades de processamento (33%), refino (53%) e envaze (19%) tiveram crescimentos inferiores no mesmo período (ABIOVE, 2012).

Os dados apresentados na Tabela 2 sugerem que o país estaria perdendo uma oportunidade de exportar produtos de maior valor. É preciso relativizar essa afirmação uma vez que o aumento nas exportações agrícolas brasileiras foi influenciado pelo “fator China”, país que privilegia a geração de empregos em seu território e, portanto, a importação de produtos básicos.

Tabela 2. Balanço de oferta e demanda, em mil toneladas, do complexo soja no Brasil entre as safras 2004–2005 e 2011–2012.

	2011– 2012	2010– 2011	2009– 2010	2008– 2009	2007– 2008	2006– 2007	2005– 2006	2004– 2005
Grão (mil t)								
Inicial	1.727	2.106	4.417	3.507	2.689	1.731	3.143	3.210
Produção	75.248	68.919	57.383	59.936	58.726	56.942	53.053	50.085
Antecipação	-	-1.700	1.700	-	-	-	-	-
Importação	40	100	124	83	108	40	352	364
Outros	2.850	2.800	2.700	2.700	2.700	2.500	2.700	2.650
Exportação	33.789	29.189	28.039	24.514	23.805	24.768	22.389	18.952
Processamento	37.264	5.701	30.779	31.895	31.511	28.756	29.728	28.914
Estoque final	3.112	1.727	2.106	4.417	3.507	2.689	1.731	3.143
Farelo (mil t)								
Inicial	813	678	764	862	864	818	773	862
Produção	28.320	27.154	23.549	24.164	24.111	22.021	22.910	22.212
Importação	21	36	47	113	111	193	186	178
Consumo	13.828	12.900	11.644	11.845	11.325	9.944	9.163	8.411
Exportação	14.474	14.155	12.038	12.530	12.899	12.224	13.889	14.068
Estoque final	852	813	678	764	862	864	818	773
Óleo (mil t)								
Inicial	254	282	252	291	311	272	275	202
Produção	7.341	6.973	5.963	6.187	6.047	5.512	5.709	5.549
Importação	-	2	41	8	101	26	3	14
Consumo	5.495	5.393	4.518	4.098	3.647	3.238	3.120	3.050
Exportação	1.758	1.610	1.456	2.136	2.521	2.261	2.595	2.442
Estoque final	342	254	282	252	291	311	272	275

Fonte: Abiove (2012).

Nesse caso, a estratégia do comprador se sobrepõe ao desejo do vendedor e, portanto, o Brasil deve aproveitar a oportunidade investindo o lucro extraordinário gerado pelo fator China no fortalecimento do seu mercado interno, na ampliação do mercado externo e, principalmente, na redução do custo Brasil.

Mendonça de Barros (2012) sugere que o mercado externo de commodities terá efeito residual no crescimento econômico brasileiro. Na próxima década a principal função do comércio internacional será de financiar o dinamismo do mercado interno, de novos mercados externos e, principalmente, da infraestrutura. Contudo, esse cenário favorável à agricultura brasileira apresenta vários riscos que vão desde o clima até a margem operacional, passando pelos mercados financeiros. O Brasil avançou na produtividade agrícola, implementou medidas de preservação do meio ambiente e desenvolveu mecanismos de mitigação do risco agrícola, porém, dada a complexidade do setor agrícola brasileiro na atualidade, essas iniciativas são insuficientes, reque-rendo avanços que vão além do setor agrícola.

Em resumo, a crise internacional e a seca nos EUA são oportunidades à agricultura brasileira, tanto pelos aumentos dos preços e consequente possibilidade de crescimento na participação do mercado internacional, quanto pela dinamização do mercado interno. O dinamismo do mercado interno – em que o consumo das famílias já representa mais da metade do PIB, e a perspectiva é de que o seu crescimento estará entre os cinco maiores do mundo até 2020 (COELHO, 2012) – ganha importância por atenuar a crise internacional e por diversificar a pauta agrícola.

Implicações para políticas no Brasil

As políticas públicas dedicadas à gestão do risco agrícola no Brasil obtiveram avanços consideráveis, como os zoneamentos agrícolas e o Programa de Subvenção do Prêmio ao Seguro Rural. Não obstante a importância das políticas implementadas, todas estão associadas exclusivamente à produção. Dada a realidade mun-

dial, é preciso implementar políticas voltadas à mitigação do risco durante a comercialização. Quanto a isso, Buainain, Vieira Júnior e Cury (2011) apresentam sugestões que vão desde o aperfeiçoamento de instrumentos existentes, como o Prêmio de Equalização Pago ao Produtor e o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, até a implementação de um programa de subvenção à participação nos mercados futuros.

No caso específico dos fertilizantes, após o “apagão de fertilizantes” ocorrido durante a safra 2008–2009, o governo federal, por meio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, propôs o Plano Nacional de Fertilizantes. Seu objetivo principal é diminuir a dependência externa da agricultura brasileira de matérias-primas, com maior produção interna, até o final desta década. A estratégia, além da identificação de novas jazidas de fósforo e potássio e da exploração das já avaliadas, previa o aumento da produção de fertilizantes orgânicos e organominerais pela instalação de fábricas nas regiões que concentram matéria-prima. Passados quatro anos da divulgação do plano, os resultados são modestos, pois nem sequer o modelo de concessões de jazidas foi alterado.

Outro aspecto importante para a agricultura nacional é a crescente financeirização do setor agrícola mundial. Essa realidade impõe ao produtor rural a convivência com fatores de risco, como a política cambial e a crescente participação dos fundos de investimento e demais instrumentos monetários na formação dos preços agrícolas internacionais.

Um tema recorrente no debate nacional e que reduz fortemente a competitividade da agricultura brasileira é o Custo Brasil. O termo “Custo Brasil” é usado para descrever as dificuldades estruturais relacionadas com a carência em infraestrutura de transporte e de logística, os altos custos de energia e comunicações, a carga tributária, o custo financeiro e, mais recentemente, os déficits de mão de obra especializada e de inovação.

No caso da infraestrutura e logística, embora em ritmo bastante inferior ao requerido

pela economia brasileira, estão sendo tomadas medidas importantes como as previstas no Programa de Aceleração do Crescimento.

A carga tributária é assunto delicado e pouco tem avançado no Brasil. Cita-se como exemplo o relatório Doing Business do Banco Mundial, o qual aponta que são necessárias 2.600 horas por ano para as empresas brasileiras de médio porte pagarem impostos, contra 415 na Argentina, 398 na China e 254 na Índia (DOING BUSINESS, 2012). Ainda cita-se como exemplo a Lei Kandir, que, onerando as exportações de produtos processados, afeta diretamente a agregação de valor às exportações.

A questão dos déficits em mão de obra especializada e em inovação remete à necessidade de esforços adicionais de políticas públicas relativas à educação e à pesquisa no Brasil. Algumas medidas, a exemplo do maior investimento em educação e na pesquisa, estão sendo adotadas, mas não é um problema solúvel no curto prazo, requerendo planejamento e a chamada “vontade política” de realizar.

Além desses componentes, o Custo Brasil é potencializado pela burocracia, a qual possibilita exacerbado oportunismo e, consequentemente, aumento no custo dos investimentos. Cita-se como exemplo que, entre 183 países analisados pelo Banco Mundial, o Brasil ocupa o 126º lugar quando se analisa a facilidade de se fazer negócios, abaixo da média da América Latina (95º) e atrás de Argentina (115º), México (53º), Chile (39º) e Japão (22º).

Do exposto se conclui que a redução do Custo Brasil vai além da infraestrutura e logística e demais investimentos direcionados a ganhos de produtividade imediatos. A redução no Custo Brasil passa por: i) no plano interno, investimentos em capacitação, educação, pesquisa, readequação da carga tributária e melhoria na burocracia e na regulação como medida de redução do custo financeiro e do investimento; e ii) no plano externo, pela conquista de novos mercados, sobretudo na Ásia.

Considerações finais

A elevação de preços tem como principais causas a estiagem nos Estados Unidos na safra de grãos de 2012, a elevação da demanda mundial, os reduzidos estoques dos referidos grãos (milho, soja e trigo) e, em menor proporção, a especulação financeira, decorrente da liquidez mundial. Para o Brasil criou-se a oportunidade de aumentar sua participação no mercado internacional de produtos do agronegócio, particularmente dos complexos soja e carnes.

Os produtores rurais, o mercado e o governo brasileiro estão esperançosos com as perspectivas da safra 2012–2013 de grãos, iniciada em outubro. Os preços no mercado internacional estão em patamares mais elevados nos últimos 30 anos, à exceção de 2008. Mesmo com o aumento dos custos de insumos básicos, como fertilizantes e mão de obra, a rentabilidade para os produtores rurais de soja e milho será positiva.

Entretanto, como “nem tudo são flores sem espinhos”, o Brasil tem um longo caminho a trilhar antes de se tornar referência agrícola mundial. Além de aproveitar essa oportunidade para consolidar a produção agrícola no cenário mundial e de diversificar o mercado agrícola interno, é preciso preparar-se para os anos de carestia investindo em pesquisa, educação, capacitação e infraestrutura, além de modernizar a burocracia.

Cabe ao setor público, além de subsidiar financeiramente a atividade em casos de problemas climáticos e de rentabilidade, promover as instituições, fomentando a inovação e a confiança entre os agentes. Essa foi, e continua sendo, a regra geral com a qual a economia e a agricultura prosperaram, e tão importante quanto a concepção é a implementação das regras. É isso que faz a diferença.

Referências

ABIOVE. Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais. **Estatística**. Disponível em: <<http://www.abiove.org.br/site>>. Acesso em: 14 set. 2012.

- AGROLINK. **Histórico de cotações**. Disponível em: <<http://www.agrolink.com.br/cotacoes/Historico>>. Acesso em: 14 set. 2012.
- BARROS, O. **Apresentação Cosag Fiesp**. São Paulo: Departamento de Previsões Econômicas do Bradesco, 2012. Disponível em: <<http://www.fiesp.com.br/indices-pesquisas-e-publicacoes>>. Acesso em: 14 set. de 2012.
- BUAINAIN, A. M.; VIEIRA JÚNIOR, P. A.; CURY, W. J. M. (Ed.). **Gestão do risco e seguro na agricultura brasileira**. Rio de Janeiro: Funenseg, 2011. 311 p.
- CHRISTOFOLETTI, M. A. M.; SILVA, R. M.; MARTINES-FILHO, J. G. Cointegração e causalidade no mercado de soja: análises para Brasil, China e EUA. In: CONFERÊNCIA EM GESTÃO DE RISCO E COMERCIALIZAÇÃO DE COMMODITIES, 2011, São Paulo. [Anais]. São Paulo: BMF Bovespa, 2011. p. 1-23.
- CME GROUP. **Monthly agricultural review**. 2012. 18 p. Disponível em: <<http://www.cmegroup.com/trading/agricultural/monthly-agricultural-review.html>>. Acesso em: 14 set. 2012.
- COELHO, J. R. R. **Crise internacional, oportunidades e desafios para a retomada do crescimento econômico brasileiro**. São Paulo: Fiesp, 2012. Disponível em: <http://www.ciesporocaba.com.br/documentos/palestras/Roriz-Convencao-Ciesp-2012-agosto_MENOR.pdf>. Acesso em: 14 set. 2012.
- CONAB. Companhia Nacional de Abastecimento. **Séries históricas**. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1252&t=>>>. Acesso em: 14 set. 2012.
- BRAGA, J. C. S. Crise sistêmica da financeirização e a incerteza das mudanças. **Estudos Avançados**, v. 23, n. 65, p. 89-102, 2009.
- DOING BUSINESS. **Doing business 2013: smarter regulations for small and medium-size enterprises**. Washington, DC: World Bank, 2012. 282 p.
- FIESP. Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. IPCA: alimentação e bebidas (A&B) - agosto de 2012. **Informativo DEAGRO**, set. 2012. Disponível em: <www.fiesp.com.br/arquivo-download/?id=22276>. Acesso em: 14 set. 2012.
- INTERNATIONAL GRAINS COUNCIL. **Supply and demand**. Disponível em: <<http://www.igc.int/en/grainsupdate/sd.aspx?crop=Totalg>>. Acesso em: 14 set. 2012.
- MALTHUS, T. R. **An essay on the principle of population**. 1978. Disponível em: <<http://www.econlib.org/library/Malthus/malPop.html>>. Acesso em: 14 set. 2012.
- MARENGO, J. A.; SCHAEFFER, R.; PINTO, H. S.; ZEE, D. M. W. **Mudanças climáticas e eventos extremos no Brasil**. São Paulo: Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável, 2010. 76 p.
- MENDES, L. H.; KISS, J.; VELOSO, T. Custos espremem margens em aves e suínos no Brasil. **Valor Econômico**, 12 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/empresas/2748688/custos-espremem-margens-em-aves-e-suinos-no-brasil>>. Acesso em: 14 set. 2012.
- MENDONÇA DE BARROS, L.C. Olhar para a desaceleração do PIB no 2º semestre é estar com o relógio atrasado em seis meses. **Valor Econômico**, São Paulo, 07 mar. 12. Disponível em <<http://www.valor.com.br/impresso>>. Acesso em 14 set. de 2012.
- NIU, S.; FAYEN, W. Importação de soja pela China cai ao menor nível em 6 meses. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 10 set. 2012. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/economia+geral-economia,importacao-de-soja-pela-china-cai-ao-menor-nivel-em-6-meses,126013,0.htm>>. Acesso em: 14 set. 2012.
- PONTES, A.; ONDEI, V. Festa do milho. **Dinheiro Rural**, n. 96, p. 54-68, out. 2012.
- RABOBANK. **Agri commodities monthly: july 2012**. Disponível em: <http://www.rabobank.com/content/food_agri>. Acesso em: 14 set. 2012.
- USDA. United States Department of Agriculture. Economic Research Service. **U.S. Drought 2012: farm and food impacts**. Disponível em: <<http://www.ers.usda.gov/newsroom/us-drought-2012-farm-and-food-impacts.aspx>>. Acesso em: 14 set. 2012.
- VIEIRA JUNIOR, P. A.; BUAINAIN, A. M.; SILVEIRA, J. M. J. F.; VIEIRA, A. C. P.; BOLSON, E. A.; DANIEL, R. M. Reestruturação e lucro na indústria da vida. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 37, n. 11, p. 1-17, nov. 2007.
- WORLD BANK. **The World Bank: Data**. Disponível em: <<http://www.http://data.worldbank.org>>. Acesso em: 14 set. 2012.